



## **A representação da seleção brasileira de futebol na copa pelo globoesporte.com**

**The representation of the brazilian soccer team in world cup by globoesporte.com<sup>1</sup>**

Rony Petterson Gomes do Vale<sup>2</sup>  
Daniel dos Santos Leite<sup>3</sup>

**RESUMO:** Nosso objetivo na presente investigação é capturar os juízos de valor no discurso do site *Globoesporte.com* na representação da SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL durante a Copa do Mundo 2010. Verificamos como a seleção brasileira é superestimada pelo site, submetidos à linha editorial das Organizações Globo, que parece se mostrar especialmente otimista sobre o futebol nacional. Parece claro para nós que, por causa do vínculo emocional com o país, a Seleção Brasileira recebe uma atenção do site além das potencialidades demonstradas pelo próprio time.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso Midiático; Seleção Brasileira de Futebol; Web Jornalismo.

**ABSTRACT:** Our work in this research is to capture the value judgments in the discourse of the website *Globoesporte.com* on representing the Brazil National Football Team during the 2010 FIFA World Cup. We have checked how the team is overrated by the website, submitted to the editorial line of *Globo Organizations* which is especially optimistic about the national football. The analysis was based on the relation between the texts and the information we have access to and the theoretical assumptions. It seems obvious for us that, because of the emotional bond with the country, the Brazil National Football Team gets more attention from the website.

**KEYWORDS:** Media discourse; Brazil National Football Team; Web Journalism.

---

<sup>1</sup> Este texto é uma síntese de nosso trabalho de conclusão de curso intitulado “Discurso midiático e copa do mundo: representação da seleção brasileira de futebol pelo globoesporte.com” (cf. LEITE; 2010).

<sup>2</sup> Doutor em Estudos Linguísticos pelo POSLIN/FALE/UFMG. Mestre em Linguística pela UFMG. Licenciado em Letras pela UFV. Atualmente professor bolsista CAPE-REUNI da Faculdade de Letras da UFMG. Desenvolve trabalhos de pesquisa observando a interface entre o riso e o risível (teorias e práticas), o discurso humorístico e a argumentação, a partir de postulados da Retórica Clássica, da Nova Retórica e da Análise do Discurso.

<sup>3</sup> Bacharel em Jornalismo – UFV. Jornalista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Santos Dumont – MG, Brasil



## INTRODUÇÃO

Durante uma Copa do Mundo de futebol, os caminhos pelos quais as publicações nacionais se pautam, o enfoque da cobertura e as minúcias de um texto jornalístico parecem não dar à Seleção Brasileira apenas a preferência que seria natural por fatores geográficos e culturais; mais do que isso, as variáveis em questão parecem elevar o futebol nacional a um patamar acima do realista. Ainda que tenha a mais vitoriosa das seleções, o Brasil deixou de vencer 14 das 19 Copas do Mundo já realizadas. Apesar disso, qualquer resultado que não seja o título é habitualmente encarado como um fracasso.

À África do Sul, sede da Copa do Mundo de 2010, a Seleção Brasileira chegou sendo tratada como a favorita ao título pela mídia em geral. Apesar da incerteza quanto à qualidade do jogo praticado pelo conjunto treinado por Dunga, as conquistas prévias<sup>4</sup> do time pareciam balizar a tese. A equipe, que supostamente associava solidez na defesa à eficiência no ataque, tinha, para parte da crítica, a fórmula perfeita para dar o hexacampeonato mundial ao Brasil. Todavia, a campanha brasileira não atendeu a essas expectativas: o Brasil perdeu para a Holanda e foi eliminado nas quartas-de-final da Copa 2010.

Os aspectos destacáveis da representação da Seleção pela imprensa, à primeira vista, parecem passar pelo mito de uma superioridade incondicional que costuma qualificá-la como favorita em qualquer circunstância, além disso, pela negação do mérito do oponente, constantemente expresso em raciocínios como “o Brasil perdeu para ele mesmo”, após os fracassos em competições internacionais. Nesse sentido, nosso trabalho procurará expor algumas dessas representações e mostrar uma possível trajetória para a análise<sup>5</sup> desse tipo específico de discurso midiático.

## “PRÉ-JOGO”: UM GÊNERO TEXTUAL?

Há vários vieses pelos quais poderíamos analisar as estratégias discursivas<sup>6</sup> para promover a representação da Seleção Brasileira. Escolhemos, entretanto, analisar textos relativamente “novos” que convenciamos chamar (*ad hoc*) de *pré-jogo*: uma espécie de

---

<sup>4</sup> A saber: Copa América de 2007, Copa das Confederações de 2009 e liderança nas Eliminatórias para a Copa do Mundo da Zona Sul-Americana.

<sup>5</sup> Adotamos como base teórico-metodológica adotada nesse trabalho a Teoria Semiológica, de Patrick Charaudeau (cf. CHARAUDEAU, 2009)

<sup>6</sup> Charaudeau e Maingueneau (2006, p. 219) trabalham o conceito: “as estratégias dizem respeito ao modo como um sujeito (individual ou coletivo) é conduzido a escolher (de maneira consciente ou não) um certo número de operações linguageiras”.

síntese dos aspectos que envolvem uma partida que vai acontecer, com informações sobre as equipes que se enfrentarão. No caso do *Globoesporte.com*, não existe uma página destinada exclusivamente aos textos do *pré-jogo*<sup>7</sup>, que são dispostos na seção de notícias. Assim, sem claras distinções hierárquicas<sup>8</sup>, o que diferencia o *pré-jogo* das outras matérias são os seus elementos internos, especialmente a organização e as características das informações. Desta maneira, para melhor compreendermos esse gênero textual, é fundamental estabelecermos associações entre ele e os gêneros jornalísticos.

Em princípio, esse peculiar modo de transmitir informações se assemelha àquilo que seria chamado de reportagem: ele não se restringe à apresentação de fatos, mas trabalha com assuntos que surgem a partir deles. O enfoque é variável. Por exemplo, em vez de “Brasil enfrenta o Chile pelas oitavas-de-final”, o título de uma das matérias que vamos utilizar na análise é “Brasil x Chile coloca Bravo [goleiro chileno] mais uma vez no caminho do carrasco Robinho”. A disposição das informações segue o modelo da reportagem (PENA, 2008): primeiro, apresentam-se as considerações gerais; depois, os fatos específicos referentes às seleções. Ademais, o *pré-jogo* é fundamentalmente interpretativo, uma vez que o suporte tem um grande espaço de manobra para moldar o teor das matérias, ao contrário do que acontece em textos prioritariamente noticiosos. Ainda assim, entendemos que essa associação do *pré-jogo* à reportagem trata-se apenas de um estabelecimento de similaridades entre eles. Não queremos, portanto, ser taxativos quanto a essa classificação. Para avançar na discussão, vamos recorrer a outros pressupostos.

De acordo com Maingueneau (2002), o estabelecimento de um gênero depende de algumas condições uníssonas entre os textos, tais como organização textual, finalidade, periodicidade e duração de validade presumida. A organização textual de um *pré-jogo*, ao menos no que se refere àqueles publicados pelo *Globoesporte.com*, é quase sempre a mesma em linhas gerais. A sequência proposta se inicia, naturalmente, com título e subtítulo. Eles são complementares e fundamentalmente informativos. O texto é, então, aberto com algumas considerações gerais, dispostas em linguagem livre<sup>9</sup>, por assim dizer. Em seguida, é apresentado um quadro<sup>10</sup> com todas as informações básicas sobre a partida em questão: escalas, histórico do confronto, emissoras que vão transmiti-la (TV Globo e SporTV),

---

<sup>7</sup> Vide: Anexos.

<sup>8</sup> No *Globoesporte.com*, a única possível distinção hierárquica entre o *pré-jogo* e as outras matérias é a posição que ele ocupa na página inicial. Como a disposição não é fixa, o aspecto não diz respeito a este trabalho.

<sup>9</sup> Embora atenda ao *lead* (estrutura clássica do primeiro parágrafo em um texto jornalístico), o início do texto não se limita a fornecer informações objetivas sobre o jogo (como adversário, horário, local).

<sup>10</sup> O quadro de referência, retirado do *pré-jogo* do *Globoesporte.com* para Brasil x Coreia do Norte, primeiro jogo da Seleção Brasileira na Copa, encontra-se, a título de exemplo, no Anexo.

disposições táticas, trio de arbitragem e, finalmente, jogadores em destaque; na sequência, são dispostas informações mais específicas, referentes aos últimos treinamentos, possíveis desfalques, bem como outros elementos que permitem ao leitor uma compreensão do contexto em que será jogada a partida. Vale frisar que, em um primeiro momento, essas colocações são concernentes à Seleção. Em seguida, geralmente sob um novo intertítulo, o leitor do *pré-jogo* pode saber mais sobre o adversário.

Quanto à finalidade, podemos associar o termo ao conceito de contrato de comunicação, sobre o qual dissertaremos adiante. Contudo, é prudente já pensar sobre o que diz Maingueneau (2002):

Um jornalista assume o contrato implicado pelo gênero de discurso do qual participa; um *fait divers*, por exemplo, deve ser verídico (relatar somente a verdade), apresentar um tema adequado ao *fait divers* (um incêndio em um celeiro e não um acontecimento político), conter todas as informações necessárias à compreensão (cf. os famosos “quem?”, “quando?”, “onde?”) [...], não pressupor quaisquer saberes que não sejam os de seu leitor-modelo [...] etc. De forma recíproca, é natural que o leitor de um *fait divers* espere que sejam respeitadas essas normas que correspondem às suas expectativas em relação ao gênero, e não poderá avaliar negativamente o texto se elas forem respeitadas (MAINGUENEAU, 2002, p. 69).

Evidentemente, o exemplo dos *fait divers* nada tem a ver com o gênero de que falamos, mas é especialmente válido para entendermos o processo da finalidade. Pressupomos que o internauta, quando se propõe a ler um *pré-jogo*, tem determinadas expectativas que devem ser atendidas pelo texto. O conteúdo tem de ser confiável, com informações precisas sobre as equipes no que concerne a últimas partidas, prováveis escalações e treinamentos preparatórios. Assim, o texto assume missões específicas, que, nestes moldes, não cabem a nenhuma outra matéria do site.

Os outros dois aspectos para a concepção de um gênero citados por Maingueneau (2002), a periodicidade e a duração de validade presumida, manifestam-se de modo óbvio no *pré-jogo*. Quanto ao primeiro, naturalmente não há uma periodicidade rígida se pensarmos meramente na cronologia. Contudo, restringindo nosso interesse à jornada brasileira na Copa do Mundo, podemos dizer que esses textos apareciam, sistematicamente, momentos antes do jogo.

No tocante à duração de validade presumida, entendemos que seu limite é o começo do jogo, visto que, durante ele, o site sempre acompanha as ações em tempo real; após o término, um texto que repercute os principais fatos ocorridos durante os 90 minutos é prontamente publicado. É evidente que as informações permanecerão à disposição do

internauta mesmo após a partida, mas, para fins jornalísticos, consideramos que sua validade se restringe a algumas horas.

Além de discutirmos elementos internos do texto, é preciso um entendimento sobre a influência que o suporte exerce nesse processo. Posto isso, faz-se necessário um percurso das discussões sobre as peculiaridades do texto para internet em relação a outros suportes. A intenção é estabelecer alguns pressupostos que nos auxiliem no processo de compreensão das matérias que vamos analisar.

Segundo Franco (2009), o primeiro “obstáculo” enfrentado pelo jornalista na internet é o perfil peculiar de seus consumidores, visto que “as pessoas não buscam ler grandes quantidades de texto na tela por conta de sua baixa resolução, que torna a leitura cerca de 25% mais lenta<sup>11</sup>” (FRANCO, 2009, p. 36). Desse modo, mais da metade dos leitores<sup>12</sup> de textos *on-line* passa à condição de escaneadores, aqueles que não capturam palavra por palavra (FRANCO, 2009, p. 38). Desta forma, “o conteúdo da Web precisa dar subsídios a ambos os aspectos do acesso à informação: busca e consumo. Os textos precisam ser escaneáveis, mas também devem dar as respostas que o usuário busca” (FRANCO, 2009, p. 39). Interpretamos, assim, que o texto precisa lidar com uma espécie de negociação, de modo que atenda às expectativas de seu público no que se refere à quantidade de informações, mas também ofereça a possibilidade de uma leitura mais rápida. Nesse sentido, embora a generalização seja imprópria para esta discussão, quase todos os estudos sugerem ao jornalista a construção de matérias mais curtas. “A recomendação foi reforçada por pesquisas como a EyeTrack III<sup>13</sup>, segundo a qual as matérias curtas eram três vezes mais vistas que as longas” (FRANCO, 2009, p. 64).

Pensando sobre os textos que constituem o *corpus* de nossa análise, podemos dizer que são grandes para os padrões da internet. Precisando divulgar todas as informações sobre o jogo, a maioria deles se aproxima de 1000 palavras. Assim, para não escaparem à lógica do ambiente *on-line*, *a priori*, os textos aqui analisados lançam mão de um recurso facilitador da leitura: os intertítulos, que servem para romper a uniformidade do texto. Nesse sentido, Franco (2009) faz algumas recomendações ao jornalista de internet. É interessante fazer a divisão do texto em assuntos, bem como a identificação de cada um deles com um intertítulo. Este deve aparecer como uma frase, com sentido completo. Afinal, o leitor tende a selecionar

---

<sup>11</sup> Conclusões a partir do EyeTrack07 com leitores de textos cibernéticos. Estudo realizado pelo Poynter Institute, centro de pesquisa e educação em jornalismo com sede na Flórida (Estados Unidos).

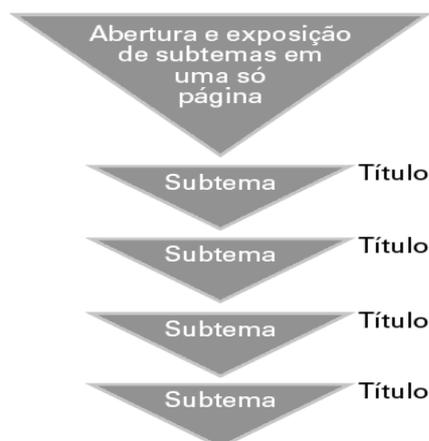
<sup>12</sup> O EyeTrack07 dividiu os leitores de internet em dois grupos: os escaneadores (53%) e os metódicos (47%).

<sup>13</sup> Pesquisa realizada também pelo Poynter Institute, em associação com o Estlow Center for Journalism & New Media e a empresa Eyetools.

os intertítulos que lhe interessam, dando atenção somente aos parágrafos referentes ao conteúdo que ele procura no texto (FRANCO, 2009).

Avaliando a hierarquia entre as informações, podemos dizer que nosso material de análise se aproxima do segundo nível de utilização da pirâmide invertida. Não se trata do clássico esquema do jornalismo que propõe a disposição dos fatos mais relevantes no primeiro parágrafo. As informações que aparecem ao fim do texto não são menos importantes, apenas mais específicas. Com efeito, Franco (2009) considera que o produtor do texto pode realizar “o exercício de hierarquização e classificação [...] do texto. A partir do assunto principal, exposto no primeiro parágrafo, ele define subtemas que são apresentados ou introduzidos por intertítulos dentro da mesma página” (FRANCO, 2009, p. 58). A lógica se enquadra no que o autor chama de “segundo nível de utilização da pirâmide invertida”. A título de ilustração, temos a seguinte representação:

Figura 01- Níveis na Pirâmide Invertida



Devemos, no entanto, fazer algumas ressalvas. No caso do *pré-jogo*, os subtemas são intimamente interligados, visto que todos convergem a um tópico mais amplo: o jogo de que se fala. Ademais, a divisão por intertítulos, que simboliza essa pluralidade temática, nem sempre se faz necessária à exploração de novos subtemas, de maneira que as quebras no texto podem ser realizadas apenas<sup>14</sup> por mecanismos de linguagem.

---

<sup>14</sup> Não caberá a nós adentrar a discussão sobre outras potenciais especificidades do texto para internet. Embora as infinitas possibilidades de navegação sejam inerentes ao ambiente *on-line*, os textos que vamos utilizar não têm como uma de suas principais propriedades: o fornecimento de *links* com assuntos correlatos aos trabalhados na matéria.

*GLOBOESPORTE.COM E COPA DO MUNDO*

O *Globoesporte.com* é considerado uma das referências no âmbito do jornalismo esportivo. Versão cibernética do Globo Esporte, telejornal diário da Rede Globo que acompanha os principais acontecimentos esportivos, o site apresenta conteúdo mais abrangente do que o exibido na televisão. O *Globoesporte.com* não negligencia nenhum esporte, mas atribui preferência ao futebol. Atualmente, o site conta com sete seções sob o título “futebol nacional” (Brasileirão – Série A, Brasileirão – Série B, Brasileirão – Série C, Copa do Brasil, Copa Sul-Americana, Seleção Brasileira e Taça Libertadores) e 14 sob “futebol internacional” (alemão, argentino, espanhol, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, português, russo, turco, ucraniano, Liga dos Campeões e Liga Europa). Além dessas seções, o *Globoesporte.com* disponibiliza quarenta páginas dedicadas às equipes das séries A e B do Campeonato Brasileiro, uma para cada clube.

Desta forma, considerando a quantidade de informações veiculadas ligadas ao futebol, o site se apresenta como um importante suporte no ramo futebolístico vinculado às Organizações Globo. É fundamental a compreensão do que isso significa. Não estamos falando de um portal cuja linha editorial seja independente. Portanto, para efeito de comparação, o *Globoesporte.com* ocupa o mesmo patamar de sites como o *ESPN.com.br*, o *R7 Esportes* e o *eBand Esporte*, visto que estes também estão ligados a grupos de comunicação que atuam em várias outras vertentes e com posicionamentos pré-definidos sobre os mais diversos assuntos.

Por isso, é importante interpretar, através de exemplos, a linha editorial das organizações Globo no que se refere ao futebol internacional. Durante a publicidade de divulgação de sua programação em 2010, logo nos primeiros meses do ano, a TV Globo não hesitou em proclamar: “Nessa Copa vai dar Brasil!”. No comercial em que anunciava sua cobertura para a Copa, o canal esportivo de televisão por assinatura das Organizações Globo, o SporTV, apresentou vários elementos referentes ao Brasil, como um ônibus amarelo com a logomarca da emissora e, ao fim, a mesma logomarca pintada com as cores verde e amarela. Ainda que o âmbito jornalístico não esteja completamente enquadrado no comercial, os elementos elencados anteriormente nos permitem concluir que a postura do grupo é, habitualmente, otimista e, por conseguinte, também favorável em relação à Seleção.

O acompanhamento da Copa do Mundo de 2010 pelo *Globoesporte.com* pode ser qualificado como pormenorizado: o site destinou uma página a cada seleção participante,

disponibilizando todas as matérias publicadas que estivessem direta ou indiretamente ligadas a cada equipe em questão. Naturalmente, a Seleção recebeu atenção especial, de modo que as atualizações das informações eram mais frequentes, e as pautas, mais diversificadas.

Para entendermos a evolução dessa cobertura, vamos recapitular a campanha da Seleção Brasileira na Copa. A equipe chegou até as quartas-de-final, quando perdeu por 2 a 1 para a Holanda e foi eliminada. Antes disso, acumulou, na primeira fase, vitórias contra Coreia do Norte por 2 a 1 e Costa do Marfim por 3 a 1, além de um empate por 0 a 0 diante de Portugal. Nas oitavas-de-final, o Brasil derrotou o Chile por 3 a 0. A partir disso, para justificar o material de análise escolhido, podemos falar, *ad hoc*, em ciclos.

Se a duração de validade presumida de um *pré-jogo* é relativamente curta, o tempo que ele representa já não pode ser avaliado desta forma. O texto é, implícita ou explicitamente, carregado de elementos concernentes ao último jogo. Sendo assim, é possível dizer que cada *pré-jogo* remete a um ciclo. Pensando sobre a Seleção Brasileira na Copa, então, houve seis ciclos. Por exemplo, a prévia de Brasil x Chile não pode ser estritamente encarada como uma referência a essa partida, uma vez que, para efeitos de análise, traz consigo uma carga de repercussão de Brasil x Portugal, a partida anterior. A partir disso, podemos identificar facilmente os seis períodos:

1. Antes da estreia, contra a Coreia do Norte
2. Da estreia ao segundo jogo, diante da Costa do Marfim
3. Da segunda partida ao terceiro desafio, contra Portugal
4. Do terceiro jogo à oitava-de-final, diante do Chile
5. Da oitava à quarta-de-final, contra a Holanda
6. Após a eliminação

#### SUBJETIVIDADE NA IMPRENSA ESPORTIVA

De modo semelhante aos outros segmentos do jornalismo, o *esportivo* pode apresentar certa carga de subjetividade. A conduta dos profissionais atuantes nessa área, por sinal, costuma ser uma das mais polêmicas da classe. Sentimentos como “bairrismo” e patriotismo, além da natural paixão por determinado clube, fazem com que os textos sejam muito contestados, tachados de frutos de convicções pessoais (e passionais) dos repórteres. Assim, a pressuposição de imparcialidade (sempre utópica) não é tão válida para o jornalismo esportivo

quanto para outros domínios do jornalismo. Nesse trabalho, entra em cena a discussão sobre o papel que o futebol exerce no processo de incremento a valores nacionalistas. Devemos lembrar que essa modalidade esportiva tem o domínio histórico do Brasil. Não se trata de uma hegemonia, mas não existe seleção mais bem sucedida do que a tupiniquim. Com efeito, o futebol pode ser um instrumento para superar os complexos de inferioridade que assolam o país em outros segmentos, como a histórica subserviência econômica em relação a outras nações.

Marques (2006) ratifica a função do futebol no resgate de uma suposta “brasilidade”. Ele cita, ainda, o emblemático trabalho do escritor Nelson Rodrigues, um dos pioneiros da corrente de exaltação dos jogadores locais como um mecanismo de inversão do nosso sentimento de inferioridade, tão presente em outros aspectos.

O futebol brasileiro, a partir de um paradigma fortalecido por Nelson Rodrigues, tem sido um dos maiores agentes de superação do “complexo de vira-latas” e de valorização da “alma nacional”, em que pesem todos os estereótipos (positivos e negativos) envolvidos nesse processo de reconstrução histórica de nossa identidade. Em épocas de Copa do Mundo – principal evento esportivo do planeta –, a imprensa brasileira sempre deu grande destaque à cobertura da participação da Seleção Brasileira (MARQUES, 2006, p. 2).

Em seguida, Marques (2006) ainda lembra que o sucesso do futebol brasileiro em algumas das últimas edições da Copa do Mundo “reacendeu no país o sentimento de superioridade absoluta no futebol, recompondo uma ‘brasilidade’ adormecida há décadas” (MARQUES, 2006, p. 02).

O futebol, por sinal, destoa da maioria dos outros esportes nesse processo. Exaltam-se as qualidades dos jogadores como se estes recebessem um “dom divino”. Enquanto o futebol brasileiro se notabiliza pela técnica, os atletas de outros esportes têm apenas o seu esforço valorizado. É exatamente sobre isso que falam Cabo, Helal e Marques (2009) em seu estudo sobre a efêmera idolatria aos esportistas brasileiros durante a realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro:

Assim sendo, a análise da cobertura dos Jogos Pan-Americanos nos veículos da imprensa carioca demonstra que as tentativas de “construção” de ídolos no campo dos esportes amadores são mais complexas e utilizam-se de uma lógica distinta da formação dos heróis futebolísticos. Aqui, valoriza-se o “suor” e a “superação” e relegam-se a um plano secundário elementos como “talento” e “magia”, além de dificilmente gerar permanências que transcendam o período dos eventos (CABO; HELAL; MARQUES, 2009, p. 42).

É justamente dessas qualidades atribuídas aos jogadores de futebol brasileiros, por vezes chamados de “geniais” ou “mágicos”, que provêm a desqualificação dos méritos do adversário e a atribuição de eventuais fracassos somente aos lapsos da seleção brasileira, em detrimento dos méritos dos oponentes. Pecenin (2008), ao analisar o comportamento da mídia durante a Copa do Mundo de 1998, notou a presença desses elementos:

Com a seleção brasileira podendo contar com, pelo menos, cinco dos maiores craques da época, a expectativa era altíssima, o que provocou a afirmação de uma identidade nacional marcada pelos lances geniais e pelas vitórias do futebol. A defesa dessa identidade era feita até mesmo quando a seleção não proporcionava o espetáculo a que a torcida e a crônica estavam ávidos para assistir. Empregando a expressão “não-sei-o-quê”, o discurso da crônica atribuía ao próprio futebol brasileiro a culpa pelas performances pífias da seleção, como a vitória apertada diante da Escócia e a derrota para a Noruega. Nessas situações, o destaque não era dado às virtudes dos adversários, mas sim aos desentendimentos entre os craques brasileiros, à falta de entrosamento da equipe, à estrutura administrativa decadente do futebol brasileiro, entre outros fatores (PECENIN, 2008, p. 17).

Deste modo, estabelecemos alguns dos pressupostos jornalísticos que nos auxiliarão na análise. Com a exposição do “*pré-jogo*”, as peculiaridades do texto para internet e a ratificação da subjetividade na imprensa esportiva, podemos dar nosso último passo antes da avaliação das estratégias discursivas de representação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2010.

#### O DISCURSO DE REPRESENTAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA: O DISPOSITIVO CONTRATUAL DO *PRÉ-JOGO* NO GLOBOESPORTE.COM

Nosso primeiro passo para uma descrição do dispositivo contratual do gênero *pré-jogo* é a identificação dos sujeitos do ato de linguagem. Diremos, consoante Charaudeau (2009), que o *sujeito-comunicante* (EUC) é uma instância composta pelos jornalistas responsáveis pelos textos, submetidos à linha editorial do *Globoesporte.com*, que, por sua vez, seguem as determinações das Organizações Globo, isto é, uma postura favorável e otimista em relação à Seleção Brasileira. Seu suposto desejo, portanto, é a transmissão de uma imagem positiva da equipe, colocando-a em patamar superior em relação aos outros times que disputam a Copa do Mundo.

Para a produção do texto *pré-jogo*, o EUC idealiza um *sujeito-destinatário* (TUD) com características diluídas entre os dois perfis recorrentes na instância da recepção: por um lado,

temos o intelectual, do leitor que está atrás de informações sobre a partida; por outro, verificamos o afetivo, do leitor à procura de considerações positivas sobre a seleção de seu país, com a exploração de características que o confortem e, portanto, mantenham-no com a sensação de que o Brasil é, de uma forma ou de outra, superior a seus oponentes.

O objetivo do jornalista (EUc) é de que o TUd coincida com o *sujeito-interpretante* (TUi), o sujeito social, representado pelo público propriamente dito. Assim sendo, o site *Globoesporte.com* molda o EUe (o enunciador, que, através do texto, materializa o discurso) a partir de algumas estratégias. Antes de falar sobre elas, porém, temos de considerar as coerções impostas pelo contrato de informação midiática.

Notadamente, o jornalista tem a obrigação de fornecer informações precisas sobre o jogo, mas não pode prescindir de construções ousadas para atrair o público: é preciso explorar a afetividade do leitor, com elementos que qualifiquem a Seleção Brasileira. Entre um compromisso com a divulgação correta de fatos e a necessidade de captar leitores, o espaço de manobra do jornalista reside na seleção dos acontecimentos e na maneira como eles devem ser transmitidos.

Diante do exposto, podemos, agora, discutir as possíveis estratégias adotadas pelo *Globoesporte.com* no discurso de representação da Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo de 2010:

- 1) O Brasil tem fragilidades “mascaradas”. O raciocínio é construído de forma a exaltar aspectos positivos da equipe, especialmente em relação a seus adversários;
- 2) Existe uma tendência de otimismo em relação à Seleção Brasileira. Mesmo que perspectivas racionais indiquem o contrário, atribui-se favoritismo ao Brasil;
- 3) À Seleção Brasileira, é oferecido o papel de protagonista. Vitórias, derrotas e perspectivas devem girar em torno da equipe. Essa estratégia aponta para um raciocínio deste tipo: a Holanda não venceu o Brasil; o Brasil foi quem perdeu para a Holanda.

Outros pontos importantes no processo são a situação de comunicação e as circunstâncias em que se inserem os textos publicados pelo *Globoesporte.com*. Devemos considerar que a situação é monologal no sentido de que o jornalista não pode perceber, imediatamente após a transmissão das informações, as reações de seus leitores. Afinal, os sujeitos não estão no mesmo ambiente.

Sobre as circunstâncias que envolveram o discurso de representação da Seleção Brasileira, retomemos o desempenho da equipe na Copa do Mundo. Após cinco jogos, a

seleção encerrou sua participação com um saldo de três vitórias, um empate e uma derrota. Vejamos os resultados:

- 1) Brasil 2 x 1 Coreia do Norte, a 15 de junho
- 2) Brasil 3 x 1 Costa do Marfim, a 20 de junho
- 3) Brasil 0 x 0 Portugal, o último jogo da primeira fase, a 25 de junho
- 4) Brasil 3 x 0 Chile, na fase de oitavas-de-final, a 28 de junho
- 5) Brasil 1 x 2 Holanda, na fase de quartas-de-final, a 2 de julho

Finalmente, podemos falar sobre os critérios de análise. Em virtude do pouco tempo disponível, não é viável uma análise do discurso considerando a totalidade dos textos. Desta maneira, definimos, *a priori*, dois critérios necessários ao enunciado para que ele seja levado em consideração.

O *primeiro* é a adequação do enunciado (a cada raciocínio, atribuiremos a condição de enunciado) a um campo semântico. Como o objeto desta análise é o discurso de representação da Seleção Brasileira, esse recurso nos permite selecionar apenas enunciados em que essa representação aconteça de forma clara, ou seja, diretamente relacionada à seleção. O elemento que caracterizará a adequação de um enunciado ao campo semântico é a presença de um termo ligado ao sintagma “Seleção Brasileira”, como, por exemplo, os vocábulos “Brasil”, “seleção”, “equipe” ou “time”, desde que, contextualizados, eles remetam ao conjunto então treinado por Dunga.

O *segundo* critério é a presença de uma construção subjetiva do mundo, uma vez que nosso objetivo é identificar juízos de valor. Essa construção subjetiva se materializará através de descrições por qualificação. Assim, a associação, por exemplo, de um adjetivo que manifeste o ponto de vista do sujeito (ou seja, que não represente um fato e, por isso, não possa ser atribuído por qualquer pessoa) à verificação do sintagma “Seleção Brasileira” ou de seus equivalentes justificará a necessidade de analisar o enunciado.

A partir da seleção dos enunciados, nosso objetivo será a identificação do ponto de vista do sujeito. Claramente, a forma mais produtiva de fazê-lo é a através de asserções, categoria do modo enunciativo de organização do discurso de comportamento delocutivo (aquele em que o sujeito “se apaga”). Devemos considerar que a estrutura clássica da

asserção<sup>15</sup> não é obrigatória. É preciso admitir, pois, a possibilidade de configurações implícitas (CHARAUDEAU, 2009).

Essas asserções se correspondem com modalidades do comportamento elocutivo, aquele em que o locutor anuncia, em primeira pessoa, o seu ponto de vista. Fazendo esse caminho, de conversão da asserção a uma modalidade elocutiva correspondente, vamos identificar o juízo de valor presente em cada enunciado. Charaudeau (2009, p.101) estabelece uma relação direta entre as modalidades de asserção e as pertencentes ao comportamento elocutivo<sup>16</sup>:

Quadro 01 – Paralelo entre modalidades elocutivas e delocutivas

ELOCUTIVO	DELOCUTIVO	
MODALIDADES	ASSERÇÕES E CONFIGURAÇÃO	
“Constatação e Saber”	“Constatação”:	“Admite-se que...” “É visível que...”, “É notável que...”
“Opinião-convicção”	“Evidência”:	“É evidente que...”, “É verdade que...” “É certo que...”, “O fato é que...” “É incontestável que...”, “Evidentemente”, “Efetivamente”, “Com certeza”, etc.
“Opinião-suposição”	“Probabilidade”:	(forte) “É provável que...”, “provavelmente”, “É verossímil que...”, “aparentemente”, etc. (média) “Pode ser que...”, “Talvez...” “É possível que...”, “Pode acontecer que...” (fraca) “É pouco provável que...” “As chances são poucas de...”
“Apreciação favorável”	“Apreciação Favorável”:	“É bom que...”, “É satisfatório que...” “É interessante que...”, “É admirável que...”
“desfavorável”	Desfavorável:	“É positivo que...”, “É surpreendente que...” “É uma tristeza que...”, “É terrível que...” “É pena que...”, “É constrangedor que...”

Após as constatações baseadas na presença de qualificações, asserções e discursos relatados, vamos fazer a análise das possíveis estratégias adotadas para atender à visada do *Globoesporte.com* ao efetuar determinada construção.

#### A REPRESENTAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA PELO GLOBOESPORTE.COM

Nesta seção, nossa proposta é apresentar como procedemos à análise da representação da Seleção. Por uma questão de espaço, nem todos os dados e resultados serão apresentados

<sup>15</sup> “Construções iniciadas pelo verbo ‘ser’ + adjetivos ou substantivos abstratos, seguidas de orações no infinitivo, no indicativo ou no subjuntivo, dependendo do valor da modalidade” (CHARAUDEAU, 2009, p. 102)

<sup>16</sup> Apresentamos somente alguns exemplos. Para maiores detalhes, vide Charaudeau (2009, p. 101).

aqui<sup>17</sup>. Vejamos, então, os procedimentos que nos levaram a identificar certas características na construção da representação da seleção pelo *globoesporte.com*:

1) “Em Joanesburgo, *Brasil inicia corrida pelo ouro* contra a Coreia do Norte”

O texto acima é um título que se configura enquanto um enunciado que merece ser analisado por conta de uma descrição por qualificação implícita, que caracteriza uma construção subjetiva da realidade. De acordo com o *Globoesporte.com*, a Copa do Mundo é tratada, para o Brasil, como uma “corrida pelo ouro”, atribuição concedida à competição a partir do enunciado.

A modalidade de asserção presente é a evidência, visto que não havia dúvidas: “Em Joanesburgo, Brasil inicia (com certeza) corrida pelo ouro contra a Coreia do Norte”. Seguindo o quadro 01, a modalidade elocutiva correspondente à evidência é a opinião-convicção. A posição do site indica, portanto, a convicção de que a Copa do Mundo nada mais é, para o Brasil, do que uma “corrida pelo ouro” e que esta começava na partida diante dos norte-coreanos. Assim, o enunciado poderia se converter, sem o apagamento do sujeito, em “Estamos certos de que o Brasil inicia a corrida pelo ouro contra o Coreia do Norte”. Portanto, o efeito produzido aponta para uma sensação de fracasso caso a Seleção Brasileira não retornasse ao país com o título, visto que restringe a competição a uma busca pelo troféu.

É evidente que o título mundial era o principal objetivo para o Brasil. Entretanto, ao limitar o torneio a uma “corrida pelo ouro”, o site desvaloriza qualquer campanha que não culmine no primeiro lugar. Essa opinião-convicção, mascarada por uma asserção por evidência, parece atribuir à Seleção Brasileira um teor de superioridade, uma vez que, segundo o texto, nada além da conquista do campeonato importava. Vale lembrar que o Brasil ganhou cinco das 18 Copas do Mundo que haviam sido disputadas até então. Sob essa ótica de “corrida pelo ouro”, portanto, a equipe já colecionava 13 fracassos<sup>18</sup> (14 após a Copa de 2010).

2) “Surgida após a descoberta do metal precioso no fim do século XIX, Joanesburgo é o terreno onde a *seleção brasileira* iniciará sua luta pelo troféu *mais cobiçado* do futebol mundial: a taça da Copa do Mundo”

---

<sup>17</sup> Para maiores detalhes, consultar Leite (2010).

<sup>18</sup> Como conquistou cinco das 18 Copas do Mundo que haviam sido disputadas antes de 2010, o índice de “aproveitamento” do Brasil era de 27,8%. O índice do que é tachado de “fracasso”, portanto, era de 72,2%.

O enunciado se apresenta de forma muito semelhante ao título, como se o ratificasse. Aqui, a qualificação subjetiva se manifesta na rotulação do troféu da Copa do Mundo de o “mais cobiçado do futebol mundial”. Essa afirmação – é bem verdade – revela-se pertencente ao senso comum, mas, ainda assim, é uma construção subjetiva da realidade, visto que pode haver quem pense o contrário.

A asserção é, novamente, por evidência. Por sinal, o enunciado é tão parecido com o título, que o verbo utilizado é o mesmo: iniciar, desta vez no futuro do presente. Assim, a conversão para uma modalidade elocutiva, a opinião-convicção, produz efeito muito próximo do que se verificou no primeiro enunciado analisado: “[...] é o terreno onde estamos certos de que a seleção brasileira iniciará sua luta pelo troféu mais cobiçado do futebol mundial: a taça da Copa do Mundo”.

Sobre a qualificação subjetiva, não há muito espaço para contestação, uma vez que, conforme destacamos, atribuir à Copa o galardão de torneio mais importante do futebol mundial é quase consensual. Quanto à asserção, transformada em modalidade elocutiva convicção, as conclusões são similares às do primeiro enunciado, pois o torneio é encarado, para o Brasil, estritamente como uma “luta pelo troféu mais cobiçado do futebol mundial”, o que, novamente, produz uma sensação de superioridade, pois nada além do título seria satisfatório.

3) “O *Brasil* dá o pontapé inicial para recuperar a taça *mais importante* do futebol mundial – contra a *misteriosa* Coreia do Norte, às 15h30m (20h30m no horário sul-africano) no Estádio Ellis Park, em Joanesburgo”

A descrição por qualificação subjetiva se faz presente em “taça mais importante do futebol mundial” e “misteriosa Coreia do Norte”. No primeiro caso, a qualificação produz exatamente o mesmo efeito do segundo enunciado, que fala em “taça mais cobiçada do futebol mundial”. No segundo, a atribuição do adjetivo “misteriosa” à seleção norte-coreana também é consensual.

Quanto à asserção, ela é novamente por evidência: “(O fato é que) o Brasil dá o pontapé inicial para recuperar a taça mais valiosa do futebol mundial”. Aqui, porém, há uma diferença fundamental. Enquanto, nos dois primeiros enunciados, são empregados os termos “luta” e “corrida”, que remetem a uma disputa (certamente complicada) pelo título, este fala, diretamente, em “recuperar a taça mais importante do futebol mundial”. Transformando a

asserção em uma convicção (de comportamento elocutivo), temos: “Estamos convencidos de que o Brasil dá o pontapé inicial para recuperar a taça mais valiosa do futebol mundial”.

Indiretamente, o *Globoesporte.com* atribui favoritismo ao Brasil, ou, pelo menos, manifesta otimismo quanto à campanha que se iniciaria contra a Coreia do Norte. Vale destacar também a presença do verbo “recuperar”, que dá a ideia de que a “taça mais valiosa do futebol mundial” pertence, originalmente, à Seleção Brasileira.

4) “Para o *Brasil*, a conquista significará a coroação do *melhor futebol mundial* pela sexta vez, a manutenção da hegemonia no reino da bola”

A atribuição do título de “melhor futebol mundial” a “Brasil” caracteriza a descrição por qualificação subjetiva. Por si só, ela já mostra um mecanismo de supervalorização arbitrário, que parece estar indiretamente relacionado aos cinco títulos mundiais conquistados pela Seleção Brasileira.

A asserção manifesta-se, desta vez, por constatação. Para o *Globoesporte.com*, “(é notável que,) para o Brasil, a conquista significará a coroação do melhor futebol mundial pela sexta vez [...]”. Transformando a asserção na modalidade elocutiva de saber, temos: “Nós sabemos que, para o Brasil, a conquista significará a coroação do melhor futebol mundial pela sexta vez [...]”.

Aliada ao complemento do enunciado, que fala em “manutenção da hegemonia no reino da bola”, a asserção explica aos leitores a importância que a conquista teria para o Brasil. Aliás, pensando sobre o verbo “significar”, conjugado no futuro do presente (significará), em vez de no futuro do pretérito (significaria), fica evidente a sensação de certeza sobre o título do Brasil que o site pretendia transmitir.

5) “O solo africano tem sido *generoso* com o *Brasil*”

O adjetivo “generoso”, atribuído a “solo africano”, caracteriza uma descrição por qualificação subjetiva. Ela se justifica pelo fato de que o Brasil tinha, antes da Copa, um retrospecto de 18 vitórias em igual número de jogos disputados na África.

Por isso, a asserção presente é, mais uma vez, por constatação: “(porque a Seleção Brasileira venceu todos os 18 jogos que fez na África, é visível que) o solo africano tem sido generoso com o Brasil”. A conversão à modalidade elocutiva de constatação permite a

interpretação de que, na realidade, o site quis dizer: “Constatamos que o solo africano tem sido generoso com o Brasil”.

A visada<sup>19</sup> em foco é a associação do fato de que “o solo africano tem sido generoso com o Brasil” à expectativa de uma campanha que resultasse no título na África do Sul, o que se revela um tanto reducionista, pois a Copa do Mundo era a primeira competição de grande magnitude, contra muitos adversários realmente fortes, que o Brasil disputava na África.

6) “Mas, apesar de ser um confronto entre a *melhor* e a *pior* seleção da Copa, de acordo com o ranking da FIFA (o *Brasil* lidera a lista, com os norte-coreanos em 105º), o treinador Kim Jong Hum aposta na concentração de seus jogadores”

As qualificações subjetivas se manifestam por “a melhor e a pior seleção da Copa”, atribuídas, respectivamente, a Brasil e Coreia do Norte. Aqui, percebe-se o discurso relatado. O *Globoesporte.com* atribui a uma dinâmica classificação<sup>20</sup> da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) a responsabilidade por rotular a “melhor” e a “pior” seleção dentre as que disputariam a Copa do Mundo. Para tanto, a modalidade de discurso relatado empregada foi a evocação, notadamente uma forma de conferir credibilidade à posição do site, motivada pela linha editorial otimista em relação à seleção nacional: o Brasil tem o melhor time do mundo.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises dos enunciados revelam tendências de postura do site *Globoesporte.com* no ato de representação da Seleção Brasileira. A partir da associação dos enunciados às categorias que julgamos mais produtivas para a captação do juízo de valor do site, podemos

---

<sup>19</sup> As *visadas*, de acordo com Charaudeau (2004, p. 23), “[...] correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte da própria troca linguageira. As visadas devem ser consideradas do ponto de vista da instância de produção que tem em perspectiva um sujeito destinatário ideal, mas evidentemente elas devem ser reconhecidas como tais pela instância de recepção; é necessário que o locutor e o interlocutor possam recorrer a elas”.

<sup>20</sup> Em 20 de outubro de 2009, o Brasil, que chegou a liderar o ranking da FIFA; antes da Copa, ocupava a terceira posição.

identificar os principais efeitos de sentido<sup>21</sup> materializados pelos enunciados, que atendem às nossas hipóteses:

- *Otimismo / Exigência*: o site manifesta confiança em relação à Seleção Brasileira e admite que qualquer cenário diferente do título seria um fracasso;
- *Otimismo / Presunção*: o site manifesta confiança em relação à Seleção Brasileira e considera que esta ocupa um patamar muito elevado – por exemplo, o de melhor seleção do mundo ou o de favorita incontestada (ao título ou à vitória em um jogo). Neste caso, a Seleção Brasileira pode ser representada por um jogador, como Robinho, frequentemente citado nos textos;
- *Orgulho da Seleção*: o site relaciona a Seleção Brasileira ao povo, considerando-a um elemento importante para a construção da identidade nacional, ou simplesmente exalta a equipe de forma efusiva;
- *Desprezo pelo adversário*: o site considera que a Seleção Brasileira é a “favorita” e/ou atribui, de alguma forma, inferioridade ao oponente do Brasil;
- *Negação do mérito do adversário*: quando o oponente supera a Seleção Brasileira, o site demonstra restrições quanto a admitir que o resultado não foi fruto simplesmente das falhas cometidas pelo Brasil. Em síntese, trata-se da ideia de que “o Brasil perdeu” em vez de “o oponente ganhou”;
- *Elogios à exibição da Seleção Brasileira*: o site faz questão de exaltar as jogadas e a postura da Seleção Brasileira, ainda que esta tenha perdido o jogo.

É evidente que fatos determinam as estratégias discursivas. Entretanto, as ideias preconcebidas – como a premissa de que a Seleção Brasileira é “a melhor do mundo” – e o aparentemente imutável desejo de transmitir essa noção de superioridade, a exata oposição ao “complexo de vira-latas” que afligia os brasileiros em outros âmbitos, fazem com que os efeitos de sentido aqui explicitados sejam recorrentes.

Levando em conta a maciça presença dessas ideias preconcebidas, que atribuem uniformidade à cobertura do desempenho da Seleção Brasileira em uma Copa do Mundo, consideramos que o vínculo emocional com o país pode interferir categoricamente no tipo de jornalismo praticado. Jornalismo que evidencia a arbitrária associação entre “patriotismo” e “torcida pela seleção nacional”. Não é totalmente falho, repleto de mentiras. É apenas dirigido

---

<sup>21</sup> “Dado que o discurso é um lugar do observável e a língua, um lugar de reconstrução teórica que corresponde a um movimento natural do pensamento, os efeitos de sentido nada mais são do que o resultado dos valores atribuídos pelo discurso ao significado em língua” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 179)



por escolhas, como qualquer outro. Definitivamente, não assume uma postura fundamentalmente crítica, mas se posiciona pela exaltação incondicional da Seleção Brasileira, que não sofre nada além de mudanças sutis, de acordo com os acontecimentos.

## REFERÊNCIAS

CABO, A.; HELAL, R.; MARQUES, R. G. Idolatria nos Jogos Pan-Americanos de 2007: uma análise do jornalismo esportivo. *Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 13, p. 33-44, 2. sem. 2009.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (orgs) *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004a, p. 13-41.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FRANCO, G. *Como escrever para a web: elementos para a discussão e construção de manuais de redação online*. Livro disponível em: <[http://knightcenter.utexas.edu/como\\_web.php](http://knightcenter.utexas.edu/como_web.php)>.

GLOBOESPORTE.COM. *Brasil x Chile coloca Bravo mais uma vez no caminho do carrasco Robinho*. 28 jun. 2010. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2010/06/brasil-x-chile-coloca-bravo-mais-uma-vez-no-caminho-do-carrasco-robinho.html>>. Acessado em 28 jun. 2010.

GLOBOESPORTE.COM. *Em Joanesburgo, Brasil inicia corrida pelo ouro contra a Coreia do Norte*. 15 jun. 2010. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/06/em-joanesburgo-brasil-inicia-corrida-pelo-ouro-contra-coreia-do-norte.html>>. Acessado em 15 jun. 2010.

LEITE, D. S. *Discurso Midiático e Copa do Mundo: A representação da seleção brasileira pelo Globoesporte.com*. 2010. 73f. Monografia (bacharelado em Jornalismo) – Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Viçosa.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos da comunicação*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARQUES, J. C. A Copa do Mundo é sempre nossa (A desvalorização do elemento estrangeiro e a afirmação da brasilidade por meio dos cronistas de futebol). *UNirevista*, São Leopoldo, v. 1, n. 3, p. 01-17, jul. 2006.

PECENIN, M. F. Discurso, futebol e identidade nacional na Copa de 1998. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, Araraquara, v. 6, n. 1, p. 01-19, jul. 2008.

PENA, F. *Teoria do jornalismo*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

**Data de recebimento: 16/06/2015**

**Data de aprovação: 23/08/2016**

## ANEXO

## Em Joanesburgo, Brasil inicia corrida pelo ouro contra a Coreia do Norte

Em busca do hexa, seleção estreia na Copa do Mundo da África do Sul às 15h30m desta terça-feira contra adversário misterioso

Por Daniel Lessa e Rafael Pirrão  
Direto de Joanesburgo, África do Sul

Imprimir

Se para europeus e norte-americanos a corrida ao ouro em solo sul-africano começou em 1886, para os brasileiros é hoje o dia. Surgida após a descoberta do metal precioso no fim do século XIX, Joanesburgo é o terreno onde a seleção brasileira iniciará sua luta pelo troféu mais cobiçado do futebol mundial: a taça da Copa do Mundo.

O Brasil dá o pontapé inicial para recuperar a taça mais valiosa do futebol mundial contra a misteriosa Coreia do Norte às 15h30m (20h30m no horário sul-africano) no estádio Ellis Park, em Joanesburgo.

<b>BRASIL</b>		<b>COREIA DO NORTE</b>																																												
<b>15h30m</b> (de Brasília) <b>Estádio Ellis Park</b> (Joanesburgo)																																														
<b>Histórico do confronto</b>																																														
As duas equipes nunca se enfrentaram em partidas de torneios organizados pela Fifa.																																														
<b>Escalção</b>		<b>Escalção</b>																																												
<table border="1"><tr><td>1</td><td>Julio Cesar</td></tr><tr><td>2</td><td>Maicon</td></tr><tr><td>3</td><td>Lúcio</td></tr><tr><td>4</td><td>Juan</td></tr><tr><td>6</td><td>Michel Bastos</td></tr><tr><td>8</td><td>Gilberto Silva</td></tr><tr><td>5</td><td>Felipe Melo</td></tr><tr><td>7</td><td>Elano</td></tr><tr><td>10</td><td>Kaká</td></tr><tr><td>11</td><td>Robinho</td></tr><tr><td>9</td><td>Luis Fabiano</td></tr></table>	1	Julio Cesar	2	Maicon	3	Lúcio	4	Juan	6	Michel Bastos	8	Gilberto Silva	5	Felipe Melo	7	Elano	10	Kaká	11	Robinho	9	Luis Fabiano		<table border="1"><tr><td>1</td><td>Ri Myong Guk</td></tr><tr><td>2</td><td>Cha Jong Hyok</td></tr><tr><td>13</td><td>Pak Chol Jin</td></tr><tr><td>3</td><td>Ri Jun Il</td></tr><tr><td>5</td><td>Ri Kwang Chon</td></tr><tr><td>18</td><td>Nam Song Chol</td></tr><tr><td>23</td><td>Pak Sung Hyok</td></tr><tr><td>15</td><td>Kim Yong Jun</td></tr><tr><td>11</td><td>Mun In Guk</td></tr><tr><td>10</td><td>Hong Yong Jo</td></tr><tr><td>9</td><td>Jong Tae Se</td></tr></table>	1	Ri Myong Guk	2	Cha Jong Hyok	13	Pak Chol Jin	3	Ri Jun Il	5	Ri Kwang Chon	18	Nam Song Chol	23	Pak Sung Hyok	15	Kim Yong Jun	11	Mun In Guk	10	Hong Yong Jo	9	Jong Tae Se
1	Julio Cesar																																													
2	Maicon																																													
3	Lúcio																																													
4	Juan																																													
6	Michel Bastos																																													
8	Gilberto Silva																																													
5	Felipe Melo																																													
7	Elano																																													
10	Kaká																																													
11	Robinho																																													
9	Luis Fabiano																																													
1	Ri Myong Guk																																													
2	Cha Jong Hyok																																													
13	Pak Chol Jin																																													
3	Ri Jun Il																																													
5	Ri Kwang Chon																																													
18	Nam Song Chol																																													
23	Pak Sung Hyok																																													
15	Kim Yong Jun																																													
11	Mun In Guk																																													
10	Hong Yong Jo																																													
9	Jong Tae Se																																													
<b>Técnico</b> Dunga		<b>Técnico</b> Kim Jang Hun																																												